

AMAZONÍA

**Memorias de las
Conferencias Magistrales del
3er Encuentro Internacional
de Arqueología Amazónica**

Stéphen Rostain
editor





Secretaría de
Educación Superior,
Ciencia, Tecnología e Innovación



Amazonía.

Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica

Stéphen Rostain editor

Edición:

- Ministerio Coordinador de Conocimiento y Talento Humano e IKIAM
- Secretaría Nacional de Educación Superior, Ciencia, Tecnología e Innovación
- Tercer Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica

Diseño: Stéphen Rostain

Diagramación: Stéphen Rostain

ISBN: 978-9942-13-893-4

Impresión: Ekseption Publicidad

Impreso en Quito, Ecuador, agosto de 2014

A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas

Eduardo G. Neves¹, Vera L. C. Guapindaia², Helena Pinto Lima²,
Bernardo L. S. Costa¹, Jaqueline Gomes¹

¹Laboratório de Arqueologia dos Trópicos, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

² Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém

1. Introdução

Grande parte dos arqueólogos que trabalham hoje na bacia amazônica aceita a hipótese de que as populações indígenas antigas da região realizaram modificações marcantes e duradouras nas condições naturais dos biomas desta vasta área das terras baixas da América do Sul. Tal hipótese, alinhada aos princípios teóricos da ecologia histórica (Balée 2006), vem sendo amparada por dados produzidos em diferentes contextos da Amazônia, seja em áreas adjacentes a planícies aluviais de rios de água branca, clara ou negra, seja em áreas de interflúvio. No entanto, se a ecologia histórica é hoje o paradigma dominante na arqueologia amazônica, resta ainda aos arqueólogos estabelecer quais foram os contextos – culturais, demográficos e sociais – nos quais ocorreram tais modificações da natureza, ou criações de paisagens, já que a ocupação humana da Amazônia não foi cumulativa, mas sim marcada pela alternância de longos períodos de estabilidade entremeados por rápidos episódios de mudança (Moraes & Neves 2012, Neves 2011).

Paisagens têm história: são tempo, espaço e forma plasmados. Na Amazônia antiga, ninguém melhor que arqueólogos para definir tais histórias. Igualmente, em uma região com tanta diversidade cultural como a Amazônia, é de se esperar que tais modificações tenham ocorrido de acordo com padrões culturais específicos, gerando por sua vez paisagens com autorias culturais distintas. Neste trabalho, apresentaremos dados provenientes de pesquisas que temos realizado em diferentes partes da Amazônia, desde a bacia do rio Trombetas até o baixo rio Japurá, bem como resultados de publicações recentes, que permitem identificar, no primeiro milênio antes da era cristã, um processo de ocupação associado à produção de cerâmicas com características peculiares e distintas das cerâmicas produzidas anteriormente nessas áreas e também à formação inicial de solos antrópicos do tipo terras pretas de índio ao longo das

margens do Amazonas e dos baixos cursos de seus tributários (Figura 2). A tais conjuntos cerâmicos padronizados propomos a denominação *tradição Pocó-Açutuba*. Se correta tal hipótese, mais que a definição de um novo componente cerâmico para a arqueologia amazônica, ocupações Pocó-Açutuba seriam os marcadores visíveis mais antigos e disseminados de formas de antropização da natureza e formação de paisagens ao longo da Amazônia.

O argumento será desenvolvido da seguinte maneira. Inicialmente apresentaremos um breve histórico das pesquisas que revelaram a ocorrência de materiais associados à Tradição Pocó-Açutuba. Posteriormente traremos alguns estudos de caso onde contextos com tais materiais foram por nós identificados. Ao final, discutiremos esses contextos no âmbito mais amplo da ocupação da Amazônia no primeiro milênio antes da era Cristã.

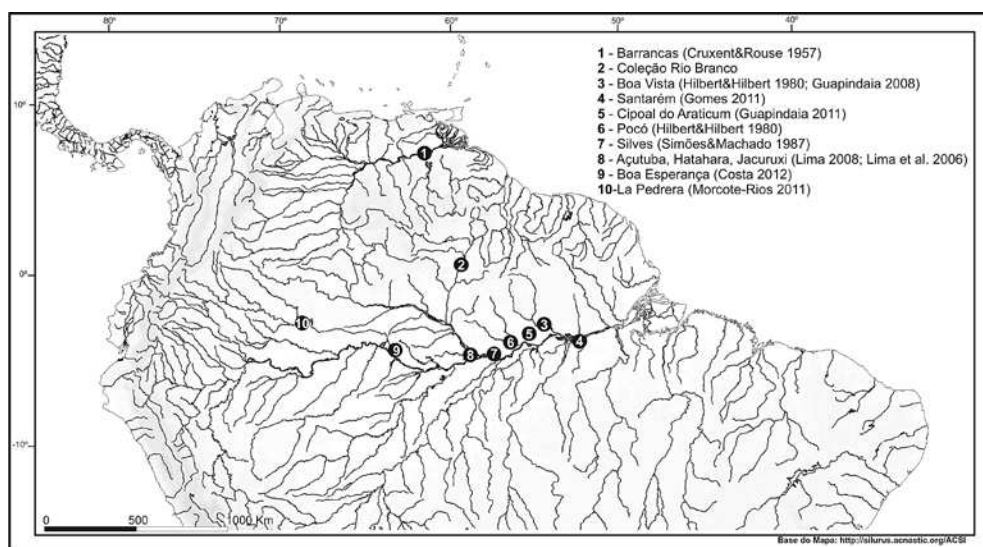


Figura 1: Sítios Arqueológicos onde se identificaram cerâmicas com características da Tradição Pocó-Açutuba (mapa desenhado por J. Gomes e B. Costa)

2. Histórico das Pesquisas com contextos Pocó e Açutuba

A primeira identificação de contextos e cerâmicas associados à tradição Pocó-Açutuba vem da pesquisa realizada nos sítios Pocó, às margens do rio homônimo, na bacia do rio Nhamudá, e Boa Vista, às margens do rio Trombetas, por Peter e Klaus Hilbert em 1975 (Hilbert & Hilbert 1980). Na escavação desses sítios, os autores identificaram cerâmicas enterradas, com profusa decoração pintada e modelada sobre tigelas e vasos carenados, temperadas com caraipé e cauixi, com semelhança a

cerâmicas Barrancóides do sítio El Palito, do litoral da Venezuela e da fase Japurá, do rio homônimo, na Amazônia centro-ocidental (Hilbert & Hilbert 1980: 8). As seis datas obtidas para os contextos escavados nos sítios Pocó e Boa Vista situaram tais ocupações no início da era Cristã: 65 ± 95 AC, 110 ± 90 DC. e 205 ± 115 DC. Duas outras datas - 1330 ± 45 AC. e 1000 ± 130 AC - foram rejeitadas pelos autores, com base no que parecia à época ser uma antiguidade aberrante com as outras datas obtidas (Hilbert & Hilbert 1980:9). As características diferenciadas das cerâmicas e a cronologia obtidas levaram Peter e Klaus Hilbert a denominar tais complexos como fase Pocó (Figura 2).



Figura 2: Fragmentos de cerâmica da Fase Pocó na definição inicial de Peter Hilbert e Klaus Hilbert (1980)

Quase trinta anos depois, trabalhando na área de confluência dos rios Negro e Solimões, Helena Lima, Eduardo Neves e James Petersen (Lima *et al.* 2006) identificaram cerâmicas semelhantes às da fase Pocó, às quais vieram classificar como “*fase Açutuba*”. Ocupações da fase Açutuba foram identificadas e datadas nos sítios Açutuba, Hatahara, Lago Grande e Jacuruxi, este o único caso de ocupação Açutuba unicomponential associada com uma camada de terra preta (Lima 2008, Neves 2010: 301-312). Na sequência crono-tipológica da Amazônia central, ocupações da fase Açutuba estão sempre localizadas na base das espessas camadas características dos sítios multicomponentiais da área e podem, ao contrário do que proposto inicialmente por estes autores, estar ou não associadas a solos antrópicos de terras pretas (Lima 2008, Neves 2013).

Na mesma época, Vera Guapindaia (2008) trabalhando na bacia do rio Trombetas em sítios localizados em áreas ribeirinhas, identificou outros contextos Pocó enterrados. No sítio Boa Vista, mesmo sítio escavado por Peter e Klaus Hilbert em 1975, camadas de ocupação Pocó-Açutuba sob uma ocupação Konduri foram mais caracterizadas e datadas entre 360 AC e 410 DC. Neste momento foi sugerida uma associação entre ocupações Pocó e habitação de áreas ao longo dos grandes rios ou lagos da região. Posteriormente, o sítio Cipoal do Araticum localizado em área

de interflúvio, foi identificado apresentando características semelhantes aos sítios ribeirinhos, isto é, ocupação multicomponencial (Pocó e Konduri), profundas e extensas áreas de terra preta e presença de bolsões com cerâmica decorada (Figura 3B). Este sítio apresentou forma elipsoidal medindo 400 metros no sentido Norte-Sul e 500 metros no Leste-Oeste com a profundidade da camada de ocupação alcançando em algumas áreas até 200 cm. Foram realizadas trinta e sete escavações variando entre 1m² a 10m² alcançando profundidades entre 80 e 250 cm e 648 sondagens.

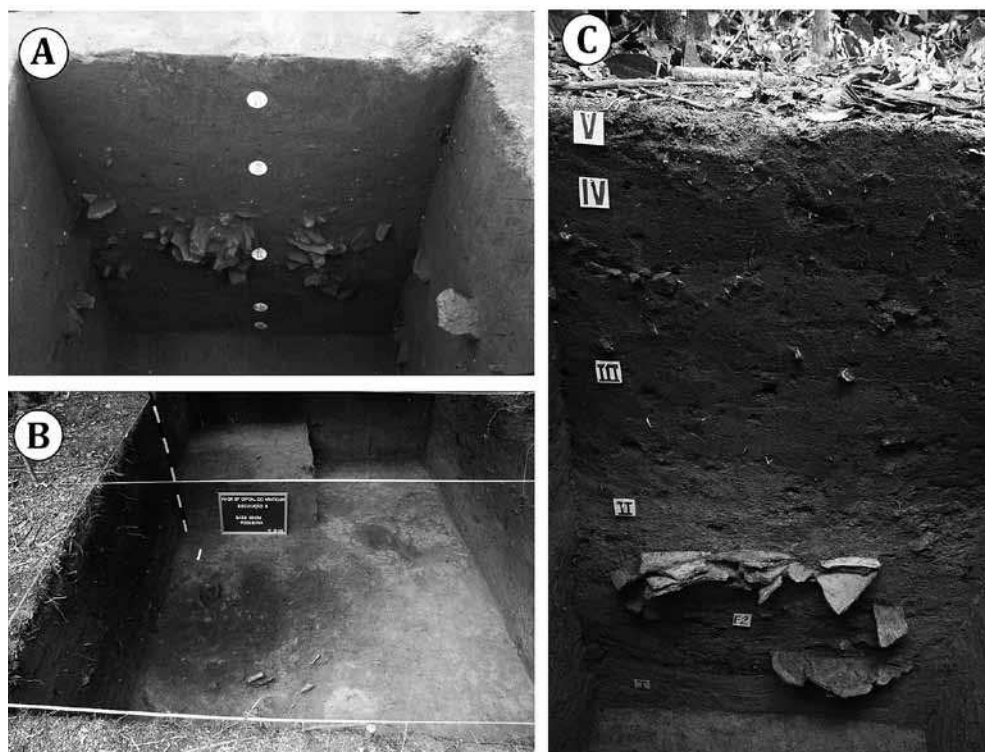


Figura 3: Contextos de depósitos de cerâmicas Pocó-Açutuba nos sítios: a) Açutuba (foto E. Neves), b) Cipoal do Araticum (foto V. Guapindaia) e c) Boa Esperança (foto. B. Costa)

As escavações abrangeram 115m² de área total enquanto as tradagens cobriram toda área total. O levantamento topográfico associado com os resultados das sondagens demonstrou que há coincidência entre a distribuição do solo de terra preta, a distribuição do material arqueológico e as feições topográficas, e mais foi possível definir preliminarmente a área provável de uma praça central, as vias de acesso/circulação/trânsito e as áreas de lixeiras (Guapindaia & Aires da Fonseca 2012, Schmidt, 2013). Embora os sítios Cipoal do Araticum e Boa Vista possam ser caracterizados como sítios multicomponenciais, já que apresentam

cerâmica Pocó e Konduri, no primeiro sítio a ocorrência de cerâmica Pocó ocorre desde os níveis iniciais contrastando com o que ocorreu no sítio Boa Vista onde a cerâmica Pocó estava restrita às camadas inferiores da estratigrafia. Datações radiocarbônicas foram obtidas em uma feição com concentrações de carvão e cerâmica com motivos decorativos como incisões, apliques zoomorfos e pintados, características da cerâmica Pocó. Também nos últimos anos, pesquisas conduzidas por Helena Lima na região do lago de Silves, na foz dos rios Urubu e Uatumã, a meio caminho entre o rio Nhamundá e o rio Negro identificaram contextos Pocó-Açutuba. Nessa mesma região, trabalhando na década de 1970, Mário Simões havia escavado cerâmicas datadas do século II DC, que, por causa da exuberante decoração pintada, interpretou à época como materiais antigos da tradição Policroma (Simões & Machado 1987), uma informação reproduzida por Meggers e Evans no que foi provavelmente seu último trabalho de síntese sobre a arqueologia da Amazônia (Meggers & Evans 1983). De fato, como discutiremos a seguir, há uma série de elementos decorativos em comum entre a tradição Pocó-Açutuba e a tradição Policroma, principalmente na fase Marajoara, mas é provável que Simões tenha confundido a presença de policromia em cerâmicas Pocó-Açutuba com materiais da tradição Policroma, um erro justificável, já que o uso da pintura não é exclusivo desta última tradição. O próprio Simões já havia reconhecido certa antiguidade das ocupações ceramistas locais, bem como a semelhança de alguns desses contextos (por ele denominado fase Sucuriju) com as cerâmicas Pocó identificadas por Hilbert & Hilbert (1980) nos rios Nhamundá e Trombetas (Simões e Machado 1984: 134). Ao descrever as cerâmicas, os autores ressaltam a presença de técnicas como pintura vermelha e/ou preta sobre branco, exciso e acanalado, razão pela qual aglutinaram as cerâmicas Pocó-Açutuba existentes na região à fase Guarita da tradição Policroma. Tal semelhança entre materiais Açutuba e Guarita foi notada também na Amazônia central (Lima 2008), e ainda carece de explicações. É sabido, no entanto, que as datas consistentes para a tradição Policroma na foz do rio Madeira e região do lago de Silves são muito mais recentes, do final do primeiro milênio DC (Simões & Machado 1987, Moraes & Neves 2012), portanto, a idade recuada das datas, sugere que os materiais escavados por Simões são provavelmente Pocó-Açutuba. Isso é reforçado pelos os contextos Pocó-Açutuba recentemente escavados por Lima nos sítios Mucajatuba e Pontão com datas entre o início do século VII e o final do século VIII DC, as mais recentes identificadas até o momento (Tabela 1). É possível que esse padrão seja explicado pela localização do lago de Silves, que recebe dois afluentes da margem norte do rio Amazonas, os rios Urubu e Uatumã, e está situado na margem oposta ao maior afluente do Amazonas, o rio Madeira. Tal convergência de distintos cursos d'água, além do próprio Amazonas, do qual o lago é também tributário, podem ter criado condições para a cronologia particular ali verificada.

Área	Sítio	Prof.	Data (1σ)	Fonte
Amazônia Central	Açutuba	90-100 cm	2.280±100 BP	Lima, Neves e Petersen, 2006
	Açutuba	70-80 cm	1.800±80 BP	Lima, Neves e Petersen, 2006
	Açutuba	77 cm	1.610±90 BP	Lima, Neves e Petersen, 2006
	Açutuba	65 cm	1.590±40 BP	Lima, Neves e Petersen, 2006
	Hatahara	170-180 cm	2.310±120BP	Lima, Neves e Petersen, 2006
	Lago Grande	100 cm	1.940±60 BP	Lima, Neves e Petersen, 2006
	Jacuruxi	35 cm	1.580±40 BP	Lima, 2008
	Jacuruxi	21 cm	1.500±40 BP	Lima, 2008
Rios Nhamundá e Trombetas	Cipoal	180 cm	2.250±70 BP	Guapindaia& Aires da Fonseca, 2012
	Cipoal	120 cm	1.950±40 BP	Guapindaia& Aires da Fonseca, 2012
	Cipoal	90 cm	1.930±40 BP	Guapindaia& Aires da Fonseca, 2012
	Cipoal	70 cm	1.920±60 BP	Guapindaia& Aires da Fonseca, 2012
	Cipoal	40 cm	1.450±60 BP	Guapindaia& Aires da Fonseca, 2012
	Boa Vista	58 cm	1.700±40 BP	Guapindaia, 2008
	Boa Vista	70 cm	2.000±50 BP	Guapindaia, 2008
	Boa Vista	80 cm	1.870±40 BP	Guapindaia, 2008
	Boa Vista	102 cm	1.990±70 BP	Guapindaia, 2008
	Boa Vista	111 cm	1.900±60 BP	Guapindaia, 2008
	Boa Vista	114 cm	1.910±70 BP	Guapindaia, 2008
	Boa Vista	123 cm	1.770±40 BP	Guapindaia, 2008
	Boa Vista	136 cm	2.120±60 BP	Guapindaia, 2008
	Boa Vista	138 cm	1.850±70 BP	Guapindaia, 2008
	Boa Vista	142 cm	2.100±40 BP	Guapindaia, 2008
	Boa Vista	sem informação	3.280±45 BP	Hilbert e Hilbert, 1980
	Boa Vista	sem informação	2.950±130 BP	Hilbert e Hilbert, 1980
	Pocó	"terço inferior"	2.015±95BP	Hilbert e Hilbert, 1980
	Pocó	"terço inferior"	1.840±90BP	Hilbert e Hilbert, 1980
	Pocó	"último nível"	1.835±115BP	Hilbert e Hilbert, 1980
Silves e Itacoatiara médio Amazonas	Ponta Grossa	30-40 cm	1.740±65BP	Simões e Machado, 1987
	Ponta Grossa	70-80 cm	1.750±105BP	Simões e Machado, 1987
	Pontão	70cm	1.230±40 BP	Lima, 2013
	Pontão	86cm	1.230±40 BP	Projeto Baixo Urubu
	Pontão	53cm	1.170±40 BP	Projeto Baixo Urubu
	Mucajatuba	90-100 cm	1.345±55 BP	Projeto Baixo Urubu
Baixo Japurá	Sucuriçu	130-140 cm	1.810±90BP	Machado, 1991
	Boa Esperança	170 cm	2.720±25 BP	Costa, 2012
	Boa Esperança	70-80 cm	2.790±30 BP	Costa, 2012
	Boa Esperança	100 cm	2.480±35 BP	Costa, 2012
Santarém	Aldeia	70-80 cm	3.000±40BP	Gomes, 2011
	Aldeia	80-90 cm	2.370±30 BP	Gomes, 2011
	Aldeia	50-60 cm	1.800±40BP	Gomes, 2011

Tabela 1: Relação de todas as datas dos contextos Pocó-Açutuba

Trabalhos recentes conduzidos por Bernardo Costa e Jaqueline Gomes na região do lago Amanã, situado próximo à foz do rio Japurá, na Amazônia centro-ocidental, permitiram a identificação de outros contextos Pocó-Açutuba, desta vez com uma localização mais a oeste do que as dos contextos anteriormente descritos para os rios Nhamundá-Trombetas, lago de Silves e área de confluência dos rios Negro e Solimões. O sítio Boa Esperança, localizado na margem direita da parte superior do lago, escavado por Costa (2012), tem formato elipsoide e é composto por mais de uma ocupação, em uma área de aproximadamente 15 hectares. Na sua porção central concentra-se o pacote arqueológico em uma grande mancha de terra preta que atinge mais de um metro de profundidade. Os perfis estratigráficos evidenciados no sítio elucidam dois contextos básicos. O primeiro formado por um pacote de terra preta de 30 a 40 cm, onde se concentra a maior quantidade de material cerâmico de três componentes culturais, com ocupações Pocó-Açutuba e das fases Caiambé e Tefé. O segundo contexto foi observado em dois depósitos que variaram entre 1,60 a 1,80 metros de profundidade, cuja camada mais antiga é formada por feições/bolsões. Nelas foi identificado mais um conjunto distinto de cerâmicas que denominamos fase Amanã e que não será aqui discutido. Uma unidade-teste em particular (Figura 3C) apresentou duas feições com características muito semelhantes relacionadas à densidade de material cerâmico, coloração e textura do solo. Observações de campo sugeriam a contemporaneidade dessas estruturas, o que foi corroborado após o tratamento das cerâmicas em laboratório. Essas cerâmicas encontradas exclusivamente no interior das feições possuem maior antiguidade e apresentam como principal antiplástico o caraipé, mas diferente das cerâmicas Pocó-Açutuba, de forma abundante e com um processamento grosseiro. As principais técnicas decorativas consistem na realização de finas incisões pré e pós-queima e o uso de pintura monocromática com destaque para aplicação de finas camadas de engobo nas cores laranja, branca e vermelha e rara presença de bicromia.

Desse contexto foram obtidas datas a partir de dois fragmentos cerâmicos da fase Amanã (3580 ± 30 BP e 2950 ± 45 BP), um fragmento tipicamente Pocó-Açutuba (2790 ± 30 BP), e ainda, duas amostras de carvão coletadas na base e no topo das feições (Tabela 1). A partir dessas informações, interpretamos que as feições foram realizadas na ocupação Pocó-Açutuba para a deposição do material cerâmico anterior a ela.

Contextos Pocó-Açutuba foram também identificados na cidade de Santarém, em escavações realizadas no sítio Aldeia por Denise Gomes (2011: 289) e na área do Porto por Denise Schaan e Daiane Alves (Alves 2013). Nesses dois casos, as datas mais antigas obtidas – entre 1200 e 900 AC – foram compatíveis com algumas das datas inicialmente descartadas por Peter e Klaus Hilbert (Tabela 1), o que nos leva a propor que tais datas descartadas sejam reconsideradas.

Finalmente, em 2011, o Museu de Arqueologia e Etnologia recebeu uma pequena coleção de cerâmicas coletadas por João Maria Franco de Camargo, entomólogo, professor da USP, especialista em abelhas, que fazia trabalho de campo na região do baixo rio Branco, em Roraima, na área de transição entre os campos e a floresta, a jusante de Bela Vista, já no sul do estado. Esses materiais não foram datados, nem tampouco há sobre eles informações contextuais, mas as características das cerâmicas são típicas do conjunto Pocó-Açutuba (Figura 4).



Figura 4: Fragmentos de cerâmicas Pocó-Açutuba identificadas no baixo rio Branco, Roraima, por João Maria Franco de Camargo

3. Características formais e aspectos contextuais das cerâmicas da Tradição Pocó-Açutuba

Quando Hilbert e Hilbert (1980) definiram a fase Pocó destacaram a grande variabilidade estilística das cerâmicas, listando pelo menos 14 tipos decorativos, cujas técnicas ocorreriam sozinhas ou combinadas, sendo a pintura em diferentes tons de vermelho, incisões e modelados as técnicas mais comuns. Em termos tecnológicos de produção da pasta cerâmica, essa variabilidade também foi observada, por exemplo, pelo uso variado dos antiplásticos cauxi e caraipé. Nos aspectos morfológicos os autores descrevem algumas formas que parecem ser recorrentes em todos os sítios com ocupações Pocó-Açutuba: vasilhames carenados, vasos com gargalos, bordas fortemente extrovertidas (flanges labiais), expansões de carenas (flanges mesiais) e apliques modelados. Os materiais por nós estudados reforçam e ampliam esse quadro de

variabilidade (Figura 5). Apesar das particularidades locais, de modo geral, as cerâmicas da tradição Pocó-Açutuba são marcadas pelo uso diversificado de antiplásticos incluindo caraipé e cauixi, frequentemente com uso combinado no mesmo vaso. As formas dos vasos são complexas, sendo às vezes difícil fazer a reconstituição a partir de fragmentos de borda, porque alguns dos vasos não têm secção transversal circular. No sítio Boa Vista a reconstituição de duas formas destacam as bordas cambadas e pescoço constrito, com bojos esféricos e elípticos (Guapindaia e Lopes 2011). No sítio Boa Esperança, destacam-se bordas irregulares ou lobuladas (Costa, 2012). Flanges são elementos morfológicos importantes. Os labiais são os mais comuns e recebem rebuscadas decorações plásticas e apêndices. Flanges mesiais, considerados verdadeiros “fósseis-guia” da fase Guarita pelos arqueólogos que trabalham na região, também ocorrem nas cerâmicas Pocó-Açutuba, mas geralmente recebem outro tratamento decorativo com ênfase nas pinturas. Entre as características decorativas mais marcantes está o uso abundante da policromia, cujo repertório cromático é único em todo o contexto da arqueologia amazônica, com o uso do preto, amarelo, laranja, vermelho, cor-de-vinho e o branco, geralmente usado como engobo, embora o engobo vermelho seja também freqüente. Os motivos geométricos como retângulos, quadrados, círculos, faixas e linhas são recorrentes, e sugerem a formação de padrões gráficos complexos (Guapindaia e Lopes 2012). A decoração plástica enfatiza as incisões, modelados, excisões, ponteados e escovados, além de outras técnicas menos frequentes como a raspagem, tracejado e o corrugado. Alguns motivos das incisões são linhas retas e curvas, com destaque para as volutas, muitas vezes associadas às bordas lobuladas. O modelado zoomorfo consiste geralmente em apliques adicionados aos flanges labiais, mas também pode ocorrer diretamente nas paredes dos vasos (Figura 5). No sítio Cipoal do Araticum os modelados zoomorfos variaram entre representações mais naturalistas como onças, morcegos, jabutis, sapos, bem como figuras duais. Ainda neste sítio, observações preliminares apontam que os fragmentos cerâmicos com pasta de cauixi abundante parecem concentra-se nos níveis mais superficiais, enquanto o material pintado é mais frequente nas camadas inferiores. Esta mesma situação é verificada nos contextos Açutuba na Amazônia central (Lima 2008). Do ponto de vista contextual, com exceção do sítio Boa Esperança, todas as ocupações Pocó-Açutuba por nós estudadas representam a base das seqüências cronológicas e estratigráficas nos sítios aqui apresentados. Trata-se de um fato interessante, uma vez que alguns desses sítios estão localizados em áreas próximas de centros antigos de produção cerâmica, como é o caso do sambaqui de Taperinha, a jusante de Santarém (Roosevelt *et al.* 1991). Tais contextos deposicionais, somados ao fato de que cerâmicas Pocó-Açutuba parecem não ter semelhanças formais ou estilísticas com complexos mais antigos encontrados em outras partes da Amazônia,

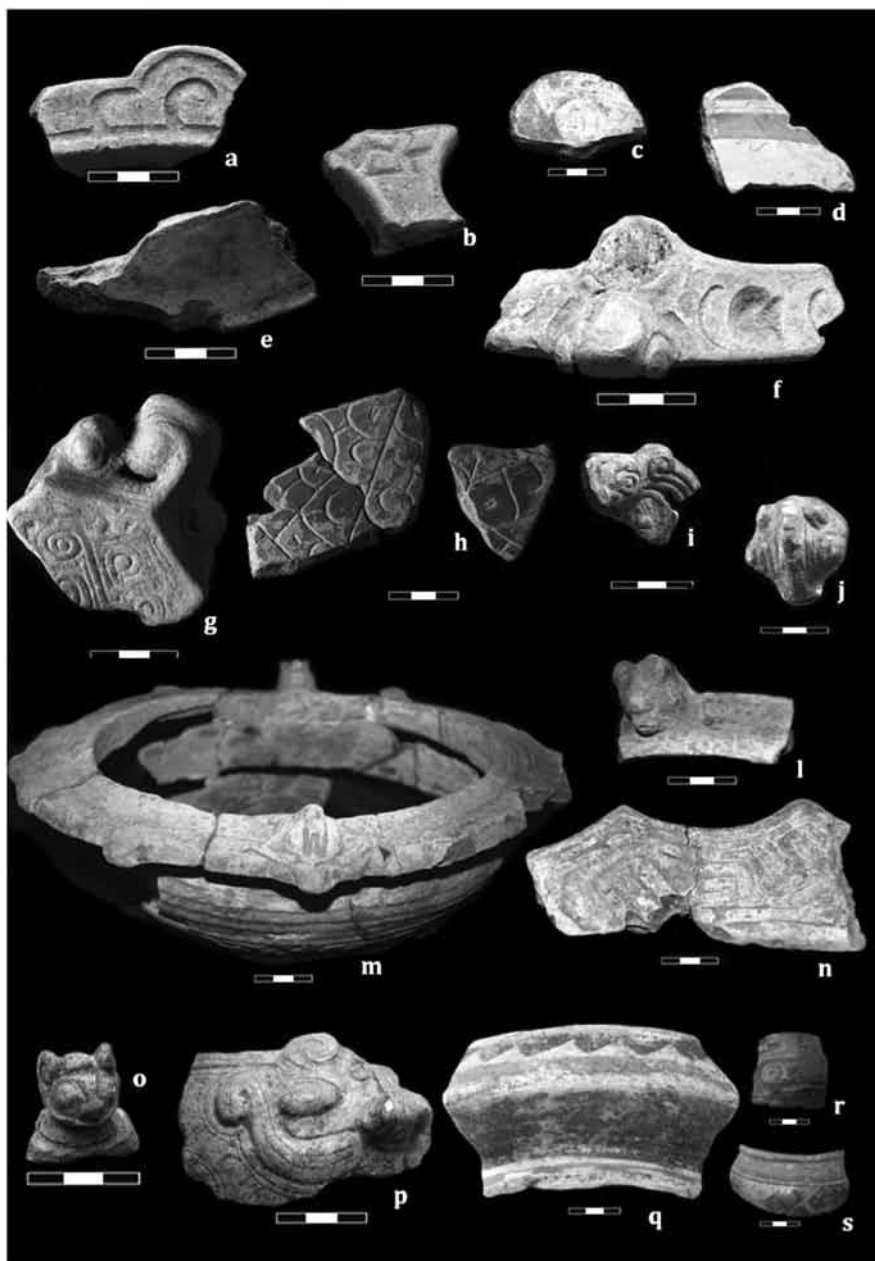


Figura 5: Fragmentos cerâmicos da Tradição Pocó-Açutuba provenientes dos seguintes sítios ou contextos: a-f sítio Boa Esperança, baixo Japurá; g-j sítio Açutuba, baixo rio Negro; l-n Sítio Janury, rio Urubu; o-p sítio Cipoal do Araticum, rio Trombetas; q-s sítio Boa Vista, rio Trombetas

parecem indicar que ocupações Pocó-Açutuba representam o correlato arqueológico de populações com origem externa que começaram a se estabelecer em diferentes partes da bacia Amazônica na transição do segundo para o primeiro milênio AC. O contexto paisagístico de tais ocupações é ainda pouco claro, mas já é possível se associar a elas o início da formação de solos de terras pretas ao longo do rio Amazonas e dos baixos cursos de seus afluentes. Há mais de dez anos, James Petersen (Petersen *et al.* 2001, Neves *et al.* 2003) já havia notado como os solos de terras pretas escavados ao longo do rio Amazonas não tinham antiguidade superior a dois mil anos. Para Petersen e outros autores, essa cronologia seria compatível com um processo de mudança social associado ao estabelecimento de modos de vida sedentários nessa época na região. É sabido, no entanto, desde os trabalhos de Miller (Miller *et al.* 1992), que há terras pretas com cerca de 5.500 anos de idade na bacia do alto rio Madeira, neste caso associadas a ocupações pré-cerâmicas da fase Massangana. Pesquisas mais recentes na mesma região têm confirmado tal cronologia (Almeida 2013). Ao norte da Amazônia, na atual República da Guiana, pesquisas também recentes, de Heckenberger e Whitehead (2011), produziram do mesmo modo datas equivalentes às de Miller para o alto Madeira. Há, aparentemente, um quadro que começa a se esboçar e que indica datas mais antigas para terras pretas nas periferias norte e sul da Amazônia e datas mais recentes, associadas à tradição Pocó-Açutuba, ao longo do Amazonas e dos baixos cursos de alguns de seus tributários.

No caso dos sítios discutidos neste artigo, a associação estratigráfica entre terras pretas e ocupações Pocó-Açutuba varia de contexto a contexto. Na área de confluência dos rios Negro e Solimões, as ocupações nos sítios Açutuba, Hatahara e Lago Grande, datadas de 360 AC a 10 DC, são associadas aos latossolos amarelados ou solos arenosos não antropizados típicos da região (Figura 3A). Apenas no sítio Jacuruxi, que tem as datas mais recentes para ocupações Pocó-Açutuba na área, há uma associação com terras pretas, com data inicial para o século VI DC (Lima *et al.* 2006, Lima 2008, Neves 2010).

Em Boa Esperança, no lago Amanã, há associação entre ocupações Pocó-Açutuba e terras pretas em algumas das áreas do sítio, mas em outras, onde se escavaram feições preenchidas com fragmentos cerâmicos datados de 800 AC, tal associação não é tão clara. Na região do rio Trombetas, nos sítios Boa Vista e Cipoal do Araticum, parece haver um contexto semelhante ao de Boa Esperança, caracterizado pela presença de feições - sempre escavadas no solo da base da sequência estratigráfica e abaixo da terra preta, preenchidas por uma grande quantidade de fragmentos Pocó-Açutuba ricamente decorados. A escavação de uma dessas feições em Boa Esperança (Figura 3C), e a datação dos fragmentos de cerâmica e lentes de carvão ali depositados, mostrou uma clara inversão cronológica, com datas mais recentes na base e mais antigas na superfície da feição.

Essa inversão indica que os fragmentos foram colocados de maneira ordenada: os mais recentes antes, os mais antigos depois. A escavação de tais estruturas pelos antigos habitantes desses sítios parece indicar a constituição de marcadores simbólicos para início das ocupações Pocó-Açutuba em locais previamente inabitados ou ocupados por grupos que produziram cerâmicas diferentes, como no caso de Boa Esperança.

Em 2006 quando foram descritas as cerâmicas e o contexto das ocupações da fase Açutuba na área de confluência dos rios Negro e Solimões foi também proposta a ausência de associação entre terras pretas e tais ocupações (Lima *et al.* 2006). Os dados aqui apresentados permitem que se falsifique esta hipótese, uma vez que há casos - nos quais tal associação foi documentada. No mais, onde tais casos ocorreram, as evidências mostram que a formação mais antiga de terras pretas estava associada às ocupações Pocó-Açutuba.

Da discussão acima, alguns pontos merecem destaque. Primeiramente, o fato de que cerâmicas Pocó-Açutuba não têm qualquer semelhança formal ou estilística com complexos mais antigos da Amazônia, ou seja, datados de antes de 1200 BC. Em segundo lugar, o fato de muitas dessas ocupações representarem a base das sequências estratigráficas dos sítios aqui apresentados. Finalmente, a associação que parece haver entre ocupações Pocó-Açutuba e a formação inicial de terras pretas ao longo de uma ampla área do rio Amazonas-Solimões, desde pelo menos a foz do Japurá até Santarém, já no primeiro milênio DC. Esse conjunto de variáveis nos dá condições de discutir o significado desses padrões no quadro mais amplo da história indígena da Amazônia antiga.

4. Discussão

No livro “*The Upper Amazon*” de Donald Lathrap, há uma prancha (Figura 6) com fragmentos cerâmicos encontrados em diferentes locais na Amazônia, Guianas e baixo Orinoco (Lathrap 1970: 115). Os componentes amazônicos da prancha foram inicialmente definidos como parte da chamada “Tradição Borda Incisa” da Amazônia, definida por Evans & Meggers (1961). Para Lathrap, a “Tradição Borda Incisa” teria sido uma manifestação local, amazônica, da chamada série Barrancóide da bacia do Orinoco e Guianas (Lathrap 1970: 113). Ainda para Lathrap, tal fenômeno amplo de distribuição de sítios com cerâmicas Barrancóides ou Borda-Incisa seria o correlato arqueológico do processo de expansão de falantes de línguas Arawak pela Amazônia e norte da América do Sul. O debate sobre as diferenças e semelhanças entre as tradições Borda Incisa e Barrancóide já tem mais de quarenta anos e não foi ainda solucionado (Lima *et al.* 2006). É interessante, no entanto, notar que os fragmentos cerâmicos amazônicos que compõem a prancha do livro de Lathrap, e que, de fato, têm mesmo grandes semelhanças com as cerâmicas Barrancóides

do baixo Orinoco, seriam, se a hipótese aqui apresentada estiver correta, por nós classificados como componentes da tralha característica da tradição Pocó-Açutuba. Materiais da tradição Borda Incisa têm uma decoração plástica menos exuberante, um uso muito mais restrito da pintura – sem, por exemplo, o amarelo, o laranja e o cor-de-vinho típicos das cerâmicas Pocó-Açutuba - e um uso mais comedido dos apêndices modelados, apesar de ter uma pasta normalmente mais compacta (Lima & Neves 2011). Assim, se Lathrap estava correto em buscar correlações entre complexos cerâmicos da Amazônia e do Orinoco, tais correlações devem ser buscadas entre cerâmicas Pocó-Açutuba e cerâmicas Barrancóides e Saladoides do baixo Orinoco e Caribe insular (Boomert 2001) e não entre as cerâmicas da tradição Borda Incisa.

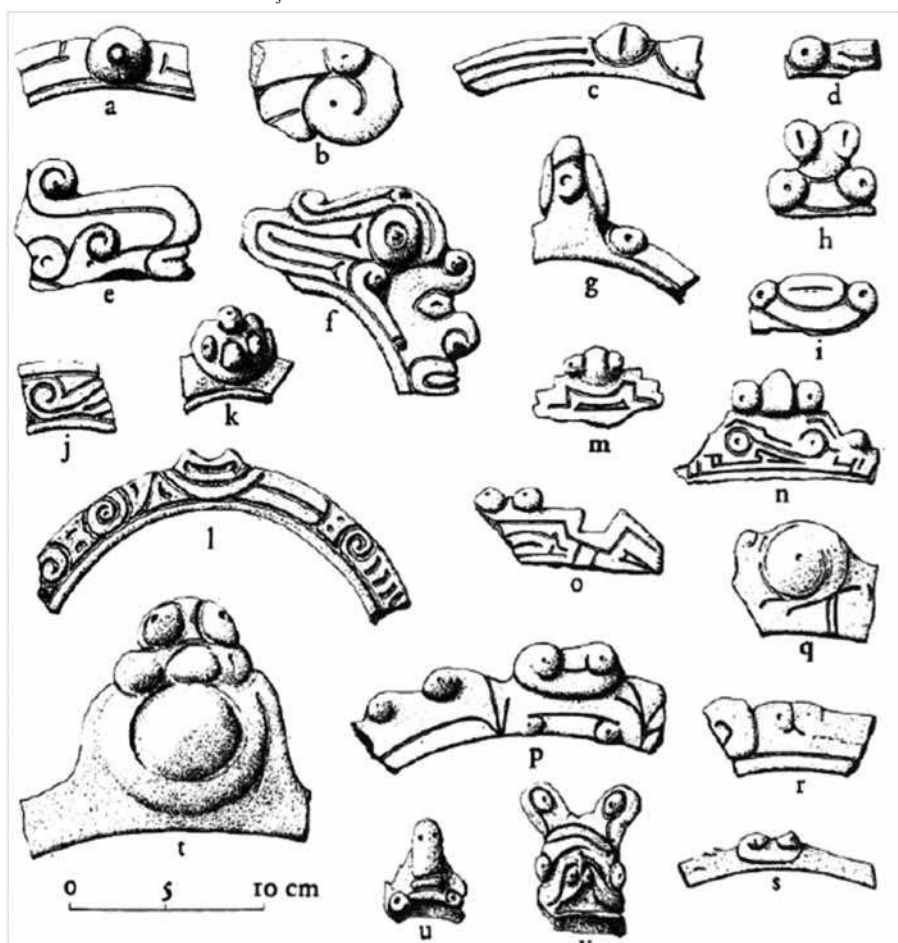


Figura 6: Exemplos de cerâmicas da série Barrancóide do Norte da América do Sul e Amazônia (Lathrap 1970: 115).

Os dados aqui apresentados, ainda preliminares, mostram que os materiais Pocó-Açutuba têm uma ampla distribuição pela Amazônia, se espalhando, de oeste para leste, ao longo de uma linha reta de cerca de 1300 km, desde a foz do Japurá até Santarém, e, de norte a sul, de mais de 700 km, desde o baixo rio Branco até a região de Manaus. Tal padrão amplo permite que essas ocupações sejam tratadas como uma tradição distinta, diferente da tradição Borda Incisa. O objetivo, nunca é demais repetir, é menos o de complicar o já confuso quadro crono-tipológico das terras baixas sul-americanas e mais o de ressaltar para a singularidade das ocupações Pocó-Açutuba, dentre as quais se destacam:

- 1) Sua amplitude geográfica, que sem dúvida aumentará à medida que novas regiões sejam pesquisadas,
- 2) O fato de que os sítios com esses materiais representam em muitos casos os primeiros sinais de ocupação humana após longos hiatos no Holoceno médio,
- 3) A associação entre algumas dessas ocupações e o início da produção de terras pretas, um indicador do estabelecimento de modos de vida sedentários, ao longo da calha do Amazonas,
- 4) A associação, já notada por Guapindaia (2008) entre as ocupações Pocó-Açutuba e a habitação de áreas ao longo dos grandes rios ou lagos da região, como o Caquetá/Japurá, Solimões, Branco, Negro, Trombetas e Tapajós (Costa 2012, Morcote-Rios 2011, Gomes 2011, Guapindaia 2008, 2011). No entanto, o sítio Cipoal do Araticum, localizado em uma área de interflúvio junto à bacia do Trombetas, tem uma ampla ocupação Pocó-Açutuba apresentando terra preta profunda, feições com cerâmica decorada e datas que vão de 410 AC a 670 DC. Isso sugere que ocupações em áreas de terra firme deverão ser identificadas à medida que novas pesquisas se realizem,
- 5) A própria singularidade dessas cerâmicas, que sem dúvida têm o mais amplo repertório decorativo entre todas as tradições ou complexos amazônicos, comparado apenas à fase Marajoara, o que provavelmente não é uma coincidência, conforme se discutirá a seguir,
- 6) Ainda sobre as características formais e decorativas, a absoluta diferença entre as cerâmicas Pocó e as cerâmicas mais antigas conhecidas na Amazônia (Taperinha, Mina, Parauá, cerâmicas do rio Uaupés, fase Bacabal),
- 7) A presença constante de feições com concentrações de cerâmicas, presentes em sítios como Boa Vista e Cipoal do Araticum (Guapindaia 2008, Guapindaia *et al.* 2010, Guapindaia, Aires da Fonseca 2012), Aldeia (Gomes 2011), Hatahara (Neves 2003) e Boa Esperança (Costa 2012). Tais características permitem que se tratem as ocupações Pocó-Açutuba como uma “cultura arqueológica”, conforme a já velha definição de Childe (1957) recentemente reciclada por Anthony (2007). Esses elementos indicam também que as ocupações Pocó-Açutuba tiveram um caráter

histórico distinto, cuja principal marca foi iniciar o período de antropização mais intensa da Amazônia. Se correta, esta é uma informação importante, que contribui para o desenvolvimento dos estudos de Ecologia Histórica, porque mostra que os processos de antropização e criação de paisagens na Amazônia não foram constantes e tampouco regulares ao longo do tempo (Neves & Petersen 2006, Neves 2011).

Baseado nessas considerações pode-se vislumbrar hipoteticamente o contexto do início das ocupações Pocó-Açutuba. Em primeiro lugar, a grande diferença entre essas cerâmicas e as cerâmicas amazônicas mais antigas, ou mesmo da mesma idade - como o caso da fase Ananatuba, na ilha de Marajó (Meggers & Evans 1957), - indica duas possibilidades: introdução externa, a partir de um centro de origem no norte do continente, ou então o desenvolvimento local. O padrão de distribuição de datas, nesse caso, tampouco é elucidativo: embora as datas do primeiro milênio AC na bacia do Caquetá-Japurá, sugiram uma origem no noroeste da Amazônia, as datas publicadas por Gomes (2011), bem como as datas rejeitadas por Hilbert & Hilbert (1980) indicam ocupações no final do segundo milênio AC na região do Tapajós-Trombetas. Uma comparação com os complexos cerâmicos do baixo Orinoco - que mostram a presença de figuras incisas e modeladas e decoração pintada associadas às séries Barrancóide e Saladóide - é uma possibilidade, mas tampouco estão claras as relações entre esses complexos e sua cronologia.

Enquanto não se resolvem os problemas cronológicos e tipológicos relativos à origem das cerâmicas Pocó-Açutuba, pode-se, por outro lado, destacar as inovações notáveis no registro arqueológico da Amazônia resultantes dessas ocupações. A primeira inovação diz respeito à introdução do modelado como recurso decorativo nas cerâmicas Amazônicas. Embora a decoração plástica, exercida através de incisões, já seja notável em complexos mais antigos, como a fase Bacabal do rio Guaporé, datada em 1800 AC (Miller 2009) e a fase Ananatuba, na ilha de Marajó (Meggers & Evans 1957), datada em 1400 AC, é a partir do aparecimento das cerâmicas Pocó-Açutuba que o uso de apêndices zoomorfos e antropomorfos modelados se tornará comum até se disseminar completamente por diferentes tradições, fases ou estilos - incluindo, por exemplo, Marajoara, Guarita, Santarém, Konduri e, é claro, Borda Incisa - da Amazônia no final do primeiro milênio DC. Pode-se, portanto, afirmar que há uma influência simbólica, religiosa ou ideológica associada ao estabelecimento de grupos que produziam cerâmicas Pocó-Açutuba sobre as populações.

Em uma resposta às críticas elaboradas à hipótese que correlaciona a expansão dos grupos falantes de línguas indo-europeias à expansão da agricultura e pastoreio pela Europa no início do Holoceno, Colin Renfrew (2000) elaborou um argumento que justifica o uso de correlações entre padrões no registro arqueológico e outros padrões culturais, como por exemplo, agrupamentos de línguas. Para Renfrew, tais correlações são mais

fortes nos casos de colonização inicial de áreas previamente desabitadas, como a Polinésia anterior à ocupação de falantes de línguas austronesianas, caracterizada pelo complexo arqueológico Lapita (Kirch 1997), ou então nos casos onde um grupo com uma tecnologia diferente ocupa uma área previamente ocupada por grupos com modos de vida totalmente distintos, como é o caso dos falantes de línguas Arawak e os sítios com cerâmica da série Saladóide no Caribe (Rouse 1992). Nesse sentido, é possível se postular que os grupos que produziam cerâmicas Pocó-Açutuba eram provavelmente falantes de línguas geneticamente próximas entre si, mais ou menos como os grupos falantes de línguas da família Tupi-Guarani no litoral Atlântico no início do segundo milênio DC. Se essa hipótese estiver correta, é provável que esses grupos falassem línguas da família Arawak, de acordo com a velha hipótese de Nordenskiöld (1930).

A hipótese de correlação entre falantes de línguas Arawak e grupos produtores de cerâmicas incisas e modeladas, como é o caso de Pocó-Açutuba, vem desde o início do século XX. O fato de Pocó-Açutuba ser o conjunto de cerâmicas incisas e modeladas mais antigas encontradas até o momento na Amazônia confere apoio a esta hipótese, embora não a prove. É certo, no entanto, que as línguas Arawak foram as que tiveram a dispersão mais ampla pelas terras baixas da América do Sul, já que, à época da conquista, eram faladas desde as Bahamas até o Paraguai e desde o sopé dos Andes até o litoral do Atlântico (Urban 1992). Os mecanismos subjacentes à expansão dos grupos falantes de língua Arawak é ainda controverso, mas muitos autores (Arroyo-Kalin 2008, Ericksen 2011, Lathrap 1970, Heckenberger 2002, Hornborg 2005) associam tal processo à adoção da agricultura de mandioca. De fato, a hipótese de Lathrap tem em muitos aspectos a mesma base dos argumentos propostos por Renfrew (1987) para explicar a expansão indo-europeia: que a adoção da agricultura provocou crescimento demográfico e consequente expansão geográfica – ou “difusão dêmica” – de populações específicas, no caso da Amazônia os falantes de língua da família Arawak. Para Lathrap (1970) os correlatos materiais dessa expansão seriam vistos nos sítios com cerâmicas com decoração incisa e modelada (ou da série Barrancóide e da tradição Borda Incisa) distribuídos pela Amazônia e norte da América do Sul. Heckenberger (2002) refinou ainda mais a hipótese de Lathrap e acrescentou, aos correlatos arqueológicos anteriormente propostos, também a ocupação de aldeias de formato circular, um padrão claramente associado à ocupação das primeiras aldeias dos grupos falantes de línguas Arawak no Caribe insular (Petersen *et al.* 1996).

Os dados atualmente disponíveis não permitem que se estabeleça qual era a forma dos assentamentos com cerâmicas Pocó-Açutuba. Na região de Trombetas, no sítio Cipoal do Araticum, foram encontradas evidências de disposição circular associada a ocupação Pocó (Guapindaia e Aires da Fonseca, 2012). Na área de confluência dos rios Negro e Solimões foi

detectado um claro padrão de ocupação de aldeias de formato circular ou de ferradura associadas a ocupações das fases Manacapuru e Paredão, que são mais tardias que Pocó, mas que também têm cerâmicas com decoração incisa em modelada e são classificadas na tradição Borda Incisa (Lima 2008, Moraes & Neves 2012). É plausível assim, que o formato circular ou semi-circular típico das ocupações da tradição Borda Incisa tenham seus antecedentes históricos no primeiro milênio AC associados às ocupações Pocó-Açutuba.

A classificação filogenética das línguas da família Arawak recentemente publicada por Walker & Amarante (2010), traz também uma contribuição para essa discussão ao mostrar que a distribuição das línguas Arawak, em termos de semelhanças de cognatos, se parece muito mais com um arbusto que com o modelo clássico de árvore. Tal configuração é por sua vez compatível com uma hipótese que postule que a expansão antiga dos grupos falantes de línguas Arawak foi rápida e levou à colonização quase simultânea de áreas distantes entre si, o que por sua vez é também compatível com o padrão de distribuição ampla e aparentemente simultânea – em termos arqueológicos – de sítios com materiais Pocó-Açutuba no primeiro milênio AC.

5. Conclusão: o desaparecimento das ocupações Pocó-Açutuba

A partir do século IX DC não há mais sítios, camadas ou contextos associados a cerâmicas Pocó-Açutuba. Antes mesmo dessa época é notável, em algumas áreas, com o lago Amanã e a confluência dos rios Negro e Solimões, um processo de mudança lento, mas cumulativo, que tem a ver com a inserção na área de ocupações associadas às fases Caiambé, Manacapuru e Paredão. No momento, a data mais antiga disponível para a fase Manacapuru é do início do século V DC (Hilbert 1968). A partir do século VII ocupações Manacapuru vão ficando cada vez mais visíveis e maiores, até atingir proporções realmente grandes no final do primeiro milênio.

As semelhanças entre as cerâmicas Pocó-Açutuba e as cerâmicas da fase Manacapuru da Tradição Borda Incisa são grandes o suficiente para que se postule uma relação histórica entre elas (Lima & Neves 2011). Dentre os elementos decorativos, formais e tecnológicos em comum há: a construção de flanges labiais como suporte para a decoração plástica modelada e o uso da incisão como elemento decorativo primordial. Notável, no entanto, nas cerâmicas Caiambé, Manacapuru e Paredão da Tradição Borda Incisa é a diminuição drástica do uso da policromia – embora a pintura continue presente –, com uma redução significativa da palheta cromática, uma redução que parece ser verdadeira quando se compara as cerâmicas das séries Saladóide e Barrancóide. Em geral, vasos Manacapuru são mais sóbrios que os vasos Açutuba, em contrapartida a um esmero maior na

produção da pasta, que é menos friável, e na queima, que produziu vasos com maior dureza.

Se, de fato, houve um processo de transição entre as ocupações Pocó-Açutuba e as ocupações Caiambé, Manacapuru e Paredão na Amazônia central, esta deve ter sido a manifestação local de uma história de longo prazo, sem rupturas marcantes nas formas de ocupação e nas cerâmicas. Com efeito, as poucas evidências até o momento disponíveis apontam para algo do tipo, uma história de quase dois mil anos de duração, que se iniciou ao redor de 1000 AC a quase 1000 DC, com, exceto a formação de terras pretas, poucas mudanças visíveis nas formas de vida, típica de sociedades frias, conforme a definição de Lévi-Strauss em “O Pensamento Selvagem” (1962).

Nas regiões do rio Trombetas e Santarém uma outra história parece ter se desenvolvido, já que não há ali evidências de ocupações relacionadas à Tradição Borda Incisa e sim reocupações da tradição Incisa e Ponteadá (incluindo cerâmicas Konduri e Santarém) sobre ocupações Pocó-Açutuba enterradas. Vale registrar que Hilbert e Hilbert (1980) descreveram materiais com essas características (Borda Incisa?), por eles denominados ‘estilo Globular’. Este conjunto tem baixa representatividade nos contextos onde aparece e ainda é pouco conhecido, mas pode-se sugerir que este represente um aspecto periférico nessa substituição dos conjuntos Pocó-Açutuba pela Tradição Borda Incisa nesta região.

Os indígenas que produziram cerâmicas Pocó-Açutuba eram grupos que exploravam e manejavam a Amazônia com uma tecnologia aparentemente nova para a época que deveria incluir uma ênfase maior no cultivo de plantas domesticadas, embora não seja possível afirmar que tenham sido agricultores. Essa tecnologia permitiu que se espalhassem por uma grande área, ocupando locais anteriormente vazios ou previamente habitados por populações culturalmente distintas. Não há até o momento evidências que mostrem a associação entre conflitos e as ocupações Pocó-Açutuba, o que pode sugerir o estabelecimento, nos casos de grupos que já habitavam anteriormente essas áreas, algum tipo de relação horizontal que permitisse a incorporação desses povos por relações de comércio ou casamento como se vê atualmente em áreas que têm influência de grupos Arawak em sua ocupação, como é o caso do alto rio Negro e o alto Xingu. Essa história se modificou profundamente ao redor do ano 1000 DC (Moraes & Neves 2012). Na Amazônia central e rio Solimões acima, é notável a reocupação dos sítios com camadas Pocó-Açutuba enterradas por grupos que faziam uma cerâmica totalmente distinta, associada à Tradição Polícroma da Amazônia. Na região do rio Trombetas e Santarém, ocorreu a já mencionada reocupação desses sítios por grupos que produziam cerâmicas Tapajônicas e Konduri.

A transição do primeiro ao segundo milênio DC foi uma época de profundas mudanças sociais por toda a Amazônia, dentre as quais destaca-

se a reocupação, por outros grupos, das áreas anteriormente associadas à ocupação de produtores de cerâmicas da tradição Pocó-Açutuba e seus descendentes (Moraes & Neves 2012, Neves 2013). Apesar dessas mudanças, as inovações conceituais e tecnológicas trazidas por esses antigos grupos colonizadores, com destaque para o uso da decoração modelada nos vasos cerâmicos, permaneceram, embora certamente ressignificados em alguns dos complexos cerâmicos ainda produzidos à época do início da colonização europeia e até hoje, de certo modo, nas cerâmicas com apêndices modelados produzidas pelos grupos Arawak do alto Xingu, em uma história de três milênios, mais longa que o próprio tempo.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), moradores da comunidade de Boa Esperança, família do Prof. João Maria Franco de Camargo, Mineração Rio do Norte, Fundação de Amparo e Desenvolvimento a Pesquisa, as associações de moradores COOPERBOA e COOPERMOURA do rio Trombetas.

Bibliografia

- Alves, D. 2012, *Ocupação Indígena na Foz do rio Tapajós (3260-960 AP): estudo do sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém.
- Anthony, D. 2007, *The Horse, The Wheel, and Language: how bronze age riders from Eurasian Steppes Shaped the Modern World*. Princeton. Princeton University Press.
- Arroyo-Kalin, M. 2008, Steps Towards an Ecology of Landscapes: the Pedo-Stratigraphy of Anthropogenic Dark Earths. Woods, W.I.; Teixeira, W.G.; Lehmann, J.; Steiner, C.; Winklerprins, A.; Rebellato, L. (Eds.). *Amazonian Dark Earths: WimSombroek's Vision*. Springer: 33-83.
- Balée, W. 2006, The research program of Historical Ecology. *Annual Review of Anthropology*. 35: 75-98.
- Boomert, A. 2000, *Trinidad, Tobago and the Lower Orinoco Integrations Sphere: an archaeological/ethnohistorical study*. Alkmaar. Cairi Publications.
- Costa, B. 2012, *Levantamento Arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã – Estado do Amazonas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo.

- Childe, V.G. 1957, *The Dawn of European Civilization*. London. Routledge.
- Eriksen, L. 2011, *Nature and Culture in Prehistoric Amazonia: using G.I.S. to reconstruct ancient ethnogenetic processes from archaeology, linguistics, geography and ethnohistory*. Tese de Doutorado. Faculty of social Sciences. Lund University.
- Gomes, D.M.C. 2011, Cronologia e Conexões Culturais na Amazônia: as sociedades Formativas da região de Santarém, PA. *Revista de Antropologia*. Vpl54 nº1, FFLECH. Universidade de São Paulo: 269-314.
- Guapindaia, V. 2008, *Além da Margem do Rio – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto-Trombetas, PA*. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo. 194f.
- Guapindaia V., Aires da Fonseca, J., Chumbre, G. 2011, *Relatório de Atividade de Campo Sítio PA-OR-127: Cipoal do Araticum*. MPEG/MRN/FADESP. Manuscrito. Belém, 35f.
- Guapindaia, V., Lopes, D. 2011, Estudos Arqueológicos na Região de Porto Trombetas, PA. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. V.24: 50-73.
- Guapindaia V., Aires da Fonseca, J., Chumbre, G., Barbosa, C.P. 2010. *Relatório de Atividade de Campo Sítio PA-OR-127: Cipoal do Araticum*. MPEG/MRN/FADESP. Manuscrito. Belém, 67f
- Guapindaia V., Aires da Fonseca, J. 2012, *Relatório de Atividade de Campo Sítio PA-OR-127: Cipoal do Araticum*. MPEG/MRN/FADESP. Manuscrito. Belém, 53f.
- Heckenberger, M. 2002, Rethinking the Arawakan Diaspora: Hierarchy, Regionality, and Amazonian Formative. Hill, J., Santos-Granero, F. (Eds.). *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language, Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana/Chicago. Universidade de Illinois: 99-122.
- Hilbert, P.P. 1968, *Archäologisch-Untersuchungen am Mittleren Amazonas*. Berlin, Dietrich Reimer Verlag.
- Hilbert P.P., Hilbert, K. 1980, Resultados Preliminares da Pesquisa Arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, baixo Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*. Antropologia nº 75: 1-15.
- Hornborg, A. 2005, Ethnogenesis, regional integration, and ecology in prehistoric Amazonia. *Current Anthropology* 46: 589-620.
- Kirch, P. 1997, *The Lapita Peoples: Ancestors of the Oceanic World*. Oxford. Blackwell.
- Lathrap, D. 1970, *The Upper Amazon*. London. Thames & Hudson.
- Lévi-Strauss, C. 1962, *La Pensée Sauvage*. Paris. Plon.
- Lima, H.P. 2013, Variabilidade arqueológica e o estudo de fronteiras culturais na região do baixo rio Urubu. *Fronteiras do Passado: aportes interdisciplinares sobre a arqueologia do baixo rio Urubu, médio Amazonas, Brasil*. Manaus: Museu Amazônico, EDUA. (no prelo).

- Lima, H.P. 2008, *História das Caretas: A Tradição Borda Incisa na Amazônia Central*. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo.
- Lima, H.P., Neves, E.G. 2011, Cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancóide na Amazônia Central. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, n.21: 205-230.
- Lima, H.P., Neves, E.G., Petersen, J. 2006, A Fase Açutuba: Um novo Complexo Cerâmico na Amazônia Central. *Arqueologia Suramericana* v. 2, n. 1: 26-52.
- Meggers, B., Evans, C. 1983, Lowland South America and the Antilles. In: JENNINGS J., Ed. *Ancient South Americans*. San Francisco. W.H. Freeman: 287-335.
- Meggers, B., Evans, C. 1961, An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. S. Lothrop (Ed.). *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge. Harvard University Press: 372-388.
- Meggers, B., Evans, C. 1957, *Archaeological investigations at the Mouth of the Amazon*. Smithsonian Institute. Bureau of American Ethnology. Bulletin 167. Washington. EUA.
- Miller, E. 2009, Pesquisas Arqueológicas no Pantanal do Guaporé: A Sequência Seriada da Cerâmica da Fase Bacabal. B. Meggers (Org.), *Arqueologia Interpretativa: o método quantitativo para estabelecimento de sequências cerâmicas*. Porto Nacional. UNITINS: 103-117.
- Miller, et alii 1992, Arqueologia nos empreendimentos hidrelétricos da Eletronorte; resultados preliminares. Brasília. Eletronorte.
- Moraes, C.P., Neves, E.G. 2012, O Ano 1000: Adensamento Populacional, Interação e Conflito na Amazônia Central. *Amazônica Revista de Antropologia* 4(1): 122-148.
- Neves, E.G. 2003, *Levantamento Arqueológico na Área de Confluência dos Rios Negro e Solimões, Estado do Amazonas: Continuidade das escavações, análise da composição química e montagem de um sistema de informações geográficas*. Relatório de Atividades Apresentado à FAPESP. Museu de Arqueologia e Etnologia São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Neves, E.G. 2010, A Arqueologia da Amazônia Central e as Classificações na Arqueologia Amazônica. Pereira E., Guapindaia V. (Org.). *Arqueologia Amazônica*. Vol.2. Editora MPEG. Belém: 561-579.
- Neves, E.G. 2011, Archaeological Cultures and Past Identities in Precolonial Central Amazon. A. Hornborg & J. Hill (Org.). *Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics and Ethnohistory*. Boulder. University of Colorado Press: 31-56.
- Neves, E.G. 2013, *Sob os Tempos do Equinócio: Oito Mil Anos de História na Amazônia Central (6.500 BC - 1500 DC)*. Tese de Livre Docência. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo.
- Neves, E.G., Petersen, J. 2006, The Political Economy of Pre-Columbian

- Amerindians: Landscape Transformations in Central Amazon. W. Balée & C. Erickson (Eds.) *Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in Neotropical Lowlands*. New York: Columbia University Press.
- Neves, E., Petersen, J., Bartone, R., Silva, C.A. 2003, Historical and Socio-cultural origins of Amazonian dark Earths. Lehman J., Kern, D., Glaser, B. Woods, W. (Eds.) *Amazonian Dark Earths: Origin, Properties and Management*. Dordrecht. Kluwer Academic Publishers: 1-45.
- Nordenskiöld, E. 1930, *L'archéologie du bassin de l'Amazone*. Ars America. Vol 1. Paris.
- Petersen, J., Neves, E.G., Heckenberger, M. 2001, Gift from the Past: Terra Preta and Pre-Historic Amerindian Occupation in Amazonia. McEwan, C., Barreto, C., Neves, E. (Eds.). *Unknown Amazon: Culture in Nature in Ancient Brazil*. London British Museum.
- Renfrew, C. 2000, At the Edge of Knowability: Towards a Prehistory of Languages. *Cambridge Archaeological Journal*. 10 (1): 7-34.
- Renfrew, C. 1987, *Archaeology and Language: The Puzzle of Indo-European Origins*. London. Jonathon Cape.
- Roosevelt, A., Housley, R.A., Silveira, M.I., Maranca, S., Johnson, R. 1991, Eight Millenium Pottery from a Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon. *Science*. 254: 1621-1624.
- Rouse, I. 1992, *The Tainos: rise and decline of the people: Who greeted Columbus*. New Haven. Yale University Press.
- Schmidt, M. 2013, *Formação de Sítios Arqueológicos na Amazônia: Estudos Pedoarqueológicos e Topográficos*. Ms. Inédito, 260 f. (Relatório de Pesquisa). Programa de Capacitação Institucional (PCI), MPEG.
- Simões, M. F., Machado, A. L. 1987, Pesquisas arqueológicas no lago de Silves (AM). *Revista de Arqueologia*, Belém, 4 (1): 49-82.
- Simões, M. F., Machado, A. L. 1984, A tradição regional Saracá: uma nova tradição ceramista da Bacia Amazônica. *Resumos da 36a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência* 36, São Paulo). Anais: comunicações. São Paulo: SBPC: 133-134.
- Urban, G. 1992, A História da Cultura Brasileira Segundo as Linguas Nativas. M. Carneiro da Cunha (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras/FAPESP/SMC: 87-102.
- Walker R., Ribeiro, L. 2011, Bayesian phylogeography of the Arawak expansion in lowland South America, *Proceedings of the Royal Society B* 278: 2562-2567.